

***BIG BROTHER BRASIL 20 E A QUESTÃO DA IDENTIDADE:
ENSAIANDO UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA-INTERSECCIONAL***

**BIG BROTHER BRASIL 20 AND THE QUESTION OF IDENTITY: EXPLORING A
DISCURSIVE-INTERSECTIONAL PERSPECTIVE**

Pedro Anácio Camarano¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Pedro Ivo Silva²

Universidade Federal de Catalão

Tainá Camila dos Santos³

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: A identidade, como ferramenta analítica, tem sido requisitada por várias áreas do conhecimento: a antropologia, os estudos de gênero e sexualidade, os estudos culturais, entre outras, apresentam tratamentos singulares para o termo. Em Análise do Discurso (AD) de linha foucaultiana, essa noção teórica é estudada atrelada à concepção de sujeito. Seguindo um entendimento não-essencialista, entendemos que a perspectiva discursiva-interseccional visa demonstrar que a identidade é constituída por meio da sua relação com o discurso. Nesse esteio, recortamos como *corpus* de análise enunciados produzidos por participantes do *Big Brother Brasil 20*, edição obtentora de sucesso de audiência por uma narrativa que evidenciou como os marcadores identitários contribuem fortemente nos processos de subjetivação e, por consequência, influenciam nas possibilidades de posicionamento do sujeito no discurso. À vista disso, as identidades podem ser entendidas como efeitos de identidade, pois os sujeitos e as posições que eles eventualmente ocupam são efeitos das relações de poder.

Palavras-chave: Análise do Discurso foucaultiana; Teoria interseccional; Identidade.

Abstract: Identity, as an analytical tool, has been utilized by various fields of knowledge: anthropology, gender and sexuality studies, cultural studies, among others, each presenting

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro - Paraná). Atualmente é servidor da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). E-mail: magopac@hotmail.com

² Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Atualmente é docente do Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Samambaia. E-mail: pedro.ivo@ifb.edu.br.

³ Mestre em Estudos da Linguagens pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é professora de Língua Portuguesa no estado de São Paulo. E-mail: santos.tainac@gmail.com

unique approaches to the term. In Foucauldian Discourse Analysis (DA), this theoretical notion is studied in relation to the concept of the subject. Following a non-essentialist understanding, the discursive-intersectional perspective aims to demonstrate that identity is constituted through its relationship with discourse. For the corpus of analysis, we selected statements produced by participants of Big Brother Brasil 20, a season that achieved high ratings due to a narrative that highlighted how identity markers strongly contribute to the processes of subjectivation and, consequently, influence the possibilities of the subject's positioning in discourse. From this perspective, identities can be understood as identity effects, as the subjects and the positions they eventually occupy are effects of power relations.

Keywords: Foucauldian Discourse Analysis; Intersectional Theory; Identity.

Submetido em 15 de setembro de 2024.

Aprovado em 4 de outubro de 2024.

Para início de conversa...

Quando falamos em Análise do Discurso (AD) em abordagem foucaultiana, nunca é demais lembrar que Michel Foucault, ao contrário de Michel Pêcheux, não propôs a criação de uma disciplina denominada Análise de Discurso. Sua entrada nesse campo científico acontece a partir da concepção de *formação discursiva*⁴, por ele desenvolvida em *Arqueologia do saber*, obra de 1969.

Nessa obra, Foucault explica os procedimentos analíticos adotados por ele em seus trabalhos anteriores - *História da loucura na Idade Clássica* (1961), *O Nascimento da clínica* (1963) e *As palavras e as coisas* (1966). De forma geral, o método arqueológico diz respeito à reflexão sobre como os discursos são historicamente produzidos. Para tanto, Foucault lançou mão de um aparato conceitual historiográfico e desenvolveu noções como *acontecimento*⁵ para analisar “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008, p. 34).

⁴ *Formação discursiva* é uma expressão criada por Foucault para representar um operador teórico-analítico. Ele explana que usa esse termo para evitar “palavras demasiado carregadas” (FOUCAULT, 2008, p. 43), como *ideologia*. A *formação discursiva*, neste sentido, é a visualização de como convicções, ideais, juízos, concepções se manifestam nos discursos. A *formação discursiva* diz respeito a uma regularidade, dentro de um sistema de dispersão. É a identificação da inscrição do que está sendo enunciado numa determinada posição do sujeito enunciativo. Foucault (2008) diz que há uma *formação discursiva* quando ocorre a regularidade dos seguintes elementos: tema, conceito, objeto e tipo de enunciação.

⁵ Por *acontecimento*, Foucault entende uma rede de discursos, poderes, de estratégias e de práticas que demonstrariam a “irrupção de uma singularidade histórica” (REVEL, 2005, p. 14). Nesse sentido, a emergência de um enunciado envolve questões discursivas e contempla questões políticas, sociais, geográficas, culturais, econômicas, enfim, questões exteriores à própria língua, que influenciam na construção dos sentidos.

O procedimento analítico exposto na *Arqueologia do Saber* demonstra que não há enunciado livre, neutro ou independente, “mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo” (FOUCAULT, 2008, p. 112).

Nesse sentido, analisar discursos seria, como propõe Courtine (2013), pensar “com” Foucault. Seria “não apagar a dimensão histórica e social de constituição das discursividades” (FERNANDES JÚNIOR; DRUMOND, 2019, p. 267), evidenciando, com isso, as condições de possibilidades, ou seja, as condições discursivas e não-discursivas necessárias para que os sujeitos possam enunciar alguma coisa em determinado momento.

Em consonância com essa perspectiva de análise, pensamos como *corpus* para este estudo um recorte de enunciados retirados de falas de participantes da vigésima edição do *Big Brother Brasil*. O programa de televisão obteve sucesso de audiência especialmente por uma narrativa que evidenciou como os marcadores identitários contribuem fortemente nos processos de subjetivação e, por consequência, influenciam o posicionamento do sujeito no discurso.

Diante disso, apresentamos este texto como convite ao diálogo entre pesquisadoras/es estudiosas/os de Foucault (sob a ótica discursiva) e pesquisadoras/es da Teoria Interseccional, com vistas ao entendimento do que propomos como uma perspectiva discursiva-interseccional, uma vez que algumas tentativas anteriores de estabelecer esse diálogo foram respondidas com aviltamento, por meio de uma conduta antipedagógica ou com menosprezo, em nome de uma zona de conforto epistemológico.

1. Identidade: a busca por uma possibilidade de leitura outra

Eu gostaria de sugerir aqui uma outra maneira de avançar para uma nova economia das relações de poder, que seja mais empírica, mais diretamente ligada à nossa situação presente, e que implique igualmente relações entre a teoria e a prática. (FOUCAULT, 1995, p. 3)

Em um artigo intitulado *Identidade: objeto ainda não identificado?* Gregolin (2008, p. 83) diz que a identidade “é um processo que se desenvolve e se transforma com a História, de acordo com as concepções de sujeito”. O argumento da professora nos dá pistas para o entendimento de que, com base na Análise do Discurso, a identidade é lida como algo em constante processo de produção, podendo ser apreendida dentro de

determinada posição-sujeito⁶, pois resulta “das posições do sujeito nos discursos” (FERNANDES, 2005, p. 30).

Em AD, a noção de posição-sujeito é muito importante para o entendimento da identidade, pois permite compreender que não há busca pelas intenções de quem enuncia, mas o desejo de compreender a filiação a uma formação discursiva do que foi enunciado e as condições de possibilidades para que o enunciado pudesse ser materializado.

Assim, entendemos que, no interior dos discursos:

(...) o sujeito assume diferentes posições, portanto, a sua identidade nunca será a mesma em diferentes momentos e lugares em que se encontre. O sujeito, assim como a identidade, está sempre em movimento, desloca-se constantemente, e cada lugar ocupado por ele o faz mostra-se outro, diferente de si, o que atesta o caráter contraditório e inacabado da identidade (FERNANDES, 2005, p. 31).

A identidade é, portanto, plural e fragmentada, produzida no interior dos discursos e resulta de onde o sujeito está posicionado. Os lugares sociais e as vozes neles presentes fazem que o sujeito se inscreva em diferentes formações discursivas, caracterizando a identidade como “marcadas por mutabilidade” (FERNANDES, 2005, p. 31).

No presente artigo, nossa reflexão ensaia sobre a questão foucaultiana “*quem somos nós?*”, estrategicamente enriquecendo-a com a noção teórica de interseccionalidade, o que permite uma análise entrecruzada sobre diferentes parâmetros nos processos de subjetivação do sujeito. Importante ressaltar que, embora tenhamos lido bastante sobre as questões do sujeito e dos processos de subjetivação em AD, não identificamos uma abordagem atenta aos saberes do feminismo negro e sua imersão na ordem discursiva acadêmica. Isso nos fez olhar para lugares outros, evitando contribuir com o epistemícidio que, além de anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, produz racismo por meio de “diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Inicialmente chamamos atenção para o fato de que Foucault, sendo “filho de seu tempo” (VEYNE, 2011, p. 179), desenvolveu sua reflexão sobre essa temática a partir de

⁶ Com base na *Arqueologia do Saber* (2008), a posição-sujeito pode ser compreendida como denominação utilizada para se referir a um lugar social de enunciação, um lugar marcado pela filiação a determinada formação discursiva.

⁷ Em *O sujeito e o poder*, Foucault (2009) parte de um texto de Kant para tratar da questão *quem somos nós hoje*, propondo, ao mesmo tempo, uma ontologia do sujeito e um diagnóstico do presente.

uma função-autor caracterizada, primordialmente, por um intelectualismo masculino, branco e europeu. Isso significa dizer que, embora fosse uma mente brilhante, o filósofo também estava submetido a um ciclo de *episteme*⁸, encontrando-se, com diz Veyne (2011), fechado em um aquário falsamente transparente.

Deste modo, ainda que observemos em Foucault um profícuo estudo do sujeito, este encontra-se situado sob uma cosmovisão diferente daquela em que os marcadores identitários⁹ possibilitam “compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes” (FERNANDES, 2005, p. 24) na voz de quem enuncia. Entendemos, assim, que tal perspectiva seja capaz de delinear o que argumentamos em nossa reflexão como a posição-sujeito, isto é, o lugar social que ancora a prática discursiva.

É o próprio Foucault quem nos outorga a reler o sujeito discursivo, uma vez que, conforme escreve no segundo prefácio da *História da Loucura na Idade Clássica*, suas ideias foram postas para que:

(...) se fragmentasse[m], se repetisse[m], se simulasse[m], se desdobrasse[m], desaparecesse[m] enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-la[s] pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer (FOUCAULT, 1972, p. 6).

Aprendemos com esse filósofo a utilizar seu pensamento ajustando-o às demandas históricas, isso porque “cada sociedade, cada tempo coloca as suas perguntas – jamais as mesmas questões, pois para qualquer uma delas não existem situações de ‘eternidade’, de ‘mesmidade’, ao longo da história” (FISCHER, 2015, p. 952).

Nesse esteio, ao nos espelharmos na figura do pirotécnico¹⁰, enunciada por Foucault, compreendemos a necessidade de buscar uma variação de racionalidade sobre a questão da identidade em AD. Não pretendemos, contudo, romper com o enfoque

⁸ “Por *episteme*, Foucault designa, na realidade, um conjunto de relações que liga tipos de discursos e que corresponde a uma dada época histórica” (REVEL, 2005, p. 41).

⁹ Entendemos por marcadores identitários os traços distintivos capazes de determinar (*quem, o que, quando, onde e como*) a realização de determinado enunciado, bem como a forma como ele pode ser recebido. Dizem respeito à raça, gênero, classe social, idade, profissão, origem étnica, religião (ou a falta de), filiação política, casta etc.

¹⁰ Foucault se intitula “pirotécnico”, termo que originalmente refere-se à arte de manipular explosivos e fogos de artifícios a fim de entreter um público. Na perspectiva do pensador francês, um pirotécnico “é inicialmente um geólogo. Ele olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. [...] Observa de que maneira as fortalezas estão implantadas. Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto. Uma vez tudo isto bem delimitado, resta o experimental, o tatear” (FOUCAULT, 2006, p. 69).

descentralizado do sujeito, mas sim fornecer pistas, abrir portas para uma leitura discursiva-interseccional capaz de questionar uma vontade de verdade epistêmica não proposta pelo filósofo, mas por “seus donos”¹¹.

2. A *logosfagia* como estratégia de arranjo epistêmico

Roger Bastide, um sociólogo francês que lecionou na Universidade de São Paulo, entre 1938 e 1954, comentou em seu livro *Brasil terra de contrastes* que um intelectual com desejo de estudar o Brasil deve compreender que os métodos aprendidos na Europa ou nos Estados Unidos não valem aqui. Segundo o pesquisador estrangeiro, seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções capazes de descrever fenômenos de fusão. É nesse sentido que encaminhamos o tratamento da noção de identidade em uma perspectiva discursiva-interseccional.

Nesse seguimento, consideramos destacar a *logosfagia* como estratégia. Esse conceito faz alusão à antropofagia cultural proposta no *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, representando uma recomendação para que nos alimentemos de fundamentos teóricos/metodológicos estrangeiros sem deixar de adaptá-los à nossa realidade. A *logosfagia*, neologismo elaborado a partir do grego *logos* (discurso) e *fagia* (comer), é, por conseguinte, pensada por nós como uma experiência epistemológica relacionada ao ato de acomodar as formulações teóricas a um domínio de memória exclusivo dos sujeitos que experimentaram processos de subjetivação singulares, herdados de diversos conchavos característicos do curso das relações de saber-poder ocorridas no Brasil.

Tomando por base esse conceito e a reflexão foucaultiana sobre acontecimento que nos expõe Revel (2005) devemos considerar que o Brasil possui acontecimentos peculiares, solicitando de nós, pesquisadoras/es do discurso, um trabalho flexível, sob pena de a AD participar judiciosamente dos procedimentos de controle e de delimitação do discurso.

Cumpre ressaltar o apontamento que a pesquisadora Allene Carvalho Lage estabelece sobre a necessidade de que tenhamos em mente uma epistemologia de

¹¹ Expressão emprestada de Rosana Pinheiro-Machado, antropóloga brasileira, colunista do jornal *The Intercept*, a qual, num artigo denominado *Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica*, discorre sobre o cacoete de alguns professores em perpetuar um *modus operandi* de ler Foucault, numa atitude anti-autônoma e anti-criativa.

fronteira, por meio da qual seja possível alargar o potencial da produção do conhecimento na América Latina (LAGE, 2008). No caso da nossa delimitação, o Brasil, a autora também considera perspectivas que emergem dos movimentos sociais e de outros grupos subalternizados, expulsos dos processos de estruturação do conhecimento científico. Lage desenvolve seu argumento com base num importante entendimento de Santos (2009, p.7) sobre o fato de que “o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade”.

A *logosfagia*, portanto, não é uma proposta completamente inovadora, pois além de ser inspirada nas considerações de Roger Bastide, Oswald de Andrade, Allene Carvalho Lage e Boaventura de Sousa Santos, é baseada em duas outras percepções teóricas questionadoras de uma vontade de verdade epistemológica: *ordem discursiva* (Michel Foucault) e *decolonialidade* (Aníbal Quijano).

Foucault (1979) trata da existência de condições de possibilidade de aparecimento de saberes, determinando o que pode ser pensado e dito. A compreensão desse autor, sob nossa percepção, poderia flexibilizar a leitura discursiva, o que ajudaria a “ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legítimos, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro” (FOUCAULT, 1979, p. 171).

Não há dúvida de que o Brasil ainda sofre com a colonialidade do saber, e isso fica nítido nos estudos discursivos de pesquisadoras/es brasileiros/as que se limitam a ler Foucault com “óculos específicos”, furtando-se de problematizar a racionalidade eurocêntrica, que se quer única e universal. Sobre essa colonialidade, Quijano (2005, p. 129) aponta que:

A perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida.

O pensamento do autor dialoga ainda com a discussão levantada pela escritora Toni Morrison, em entrevista concedida a Charlie Rose em 1998¹², na qual ela enuncia sobre um “white gaze”, o olhar branco (ou a lente branca) com que enxergamos o mundo tomando por base valores branco-europeus; valores socialmente hegemônicos no Ocidente. A vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1993 explana, na entrevista, que essa visão domina a escrita de diversos escritores, mas que tem passado toda sua vida procurando evitar pautar-se por esse olhar em suas obras.

Seguindo essa linha de raciocínio, nossa estratégia *logosfágica* para o presente estudo reclama um arranjo epistêmico a fim de uma análise discursiva-interseccional dos sujeitos brasileiros, considerando suas idiossincrasias. Na esteira do pensamento foucaultiano (1995), essa negociação é importante para que possamos analisar da melhor forma possível a realidade com que estamos lidando. Nas palavras do autor:

A primeira coisa a verificar é o que eu deveria chamar de “necessidades conceituais”. Eu compreendo que a conceituação não deveria estar fundada numa teoria do objeto – o objeto conceituado não é o único critério de uma boa conceituação. Temos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação. Precisamos de uma consciência histórica da situação presente. A segunda coisa a ser verificada é o tipo de realidade com a qual lidamos (FOUCAULT, 1995, p. 232).

Nossa investida é na direção de imbricar essas duas noções teóricas-metodológicas: *sujeito* e *interseccionalidade*. Em relação à primeira, pretendemos empregá-la, assinalando um dilema foucaultiano, uma vez que para ele “não importa quem fala” (FOUCAULT, 2008, p. 139) e, ao mesmo tempo, “para que uma série de signos exista, é preciso (...) um ‘autor’ ou uma instância produtora” (FOUCAULT, 2008, p. 104)¹³. Quem nos socorre nesse nó é Pêcheux (1997, p. 163), para quem “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”.

Segundo Foucault (2008), o sujeito do enunciado não é idêntico ao autor da formulação, é “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Kgq3F8wbYA>. Acesso em: 05 mar. 2024.

¹³ Levando em consideração que a análise discursiva deve considerar as condições histórico-sociais de possibilidades que envolvem o discurso, Foucault (2008, p. 31) não está interessado em saber quem enuncia, mas em investigar “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar”. Nesse sentido, interpretar o sujeito discursivo requer compreender “quais são as vozes sociais” que se fazem presentes na voz de quem enuncia (FERNANDES, 2005, p.24).

indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2008, p. 107), mas este lugar vazio é situado dentro de uma conjuntura sócio-histórica, e, por isso, os sujeitos possíveis de ocupá-lo estão imersos em relações de poder que variam em tempos e localidades.

Por esse ângulo, os marcadores identitários, muitas vezes negligenciados em pesquisas discursivas, têm uma grande contribuição no reconhecimento do sujeito, uma vez que elas possibilitam compreender o *lugar de fala*¹⁴ de quem enuncia.

Em relação à interseccionalidade, cumpre dizer que o termo foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989), visando

(...) dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

A teoria da interseccionalidade, em sua emergência, consistiu em uma ferramenta analítica utilizada para destrinchar as forças que trabalham no desfavorecimento de mulheres negras (CRENSHAW, 1989). A própria autora, contudo, em análise posterior sobre seu trabalho, afirma: “enquanto as intersecções primárias que eu exploro aqui são entre raça e gênero, o conceito pode e deve ser expandido com base em questões como classe, orientação sexual, idade e cor” (CRENSHAW, 2020, p. 27).

Sendo assim, entrecruzamentos de marcadores identitários de diversos grupos minoritários podem ser analisados sob o viés da interseccionalidade, de forma a demonstrar como a realidade social é composta por esses marcadores e os meios pelos quais interferem no posicionamento de lugares sociodiscursivos hegemonicamente ocupados por um padrão¹⁵. Solicitamos, assim, uma concessão para utilizar essa *sensibilidade analítica*¹⁶ toda vez que o estudo permitir identificar clivagens identitárias, estejam elas relacionadas a gênero e raça/cor ou não.

¹⁴ Ribeiro (2019, p. 60) discorre sobre *lugar de fala* para se referir ao lugar social ocupado pelo sujeito dentro de determinação relação de poder. Não se trata, portanto, de afirmar “experiências individuais, mas de entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades”.

¹⁵ Em nossa sociedade, esse padrão diz respeito aos sujeitos que detêm o monopólio de privilégios sociais. É resultado de um dispositivo identitário, segundo o qual “o eixo hegemônico masculino, branco, de classe média e/ou alta das sociedades urbanas ocidentais” (SILVA, 2020, p. 98) seria uma matriz de superioridade detentora de vantagens.

¹⁶ Para esse entendimento, podemos nos basear no que diz a pesquisadora Akotirene (2019, p. 118) sobre a interseccionalidade ser “a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras”.

3. *Big Brother Brasil 20* e a aplicação da identidade em um viés discursivo-interseccional

Até aqui, buscamos explicar que, em AD, a *identidade* é debatida ancorada ao que se entende por sujeito: “um **objeto** historicamente construído sobre a base de determinações que lhe são exteriores” (REVEL, 2005, p. 84, grifo nosso). Para esse campo de estudo, o sujeito não é um ser humano individualizado, como em outras áreas. Todavia esse tratamento objetificado pode ser reexaminado pensando nos processos de subjetivação.

Paixão (2017) nos alerta para o fato de que, no entendimento foucaultiano, o sujeito é objeto discursivo, cuja subjetividade é desenvolvida a partir de práticas de objetivação (práticas que fazem do sujeito um objeto de determinados saberes), mas também se vê nos discursos (tomando a si próprio objeto de conhecimento), visto que a subjetividade é desenvolvida a partir de práticas de subjetivação (que liga o sujeito a uma forma de ser, de se comportar, de agir). Sendo assim, esse sujeito é produzido no interior dos discursos e, por isso, é levado, sem que tenha consciência, a enunciar em determinados direcionamentos, conforme sua inscrição em formações discursivas. Não se trata, portanto, de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo, mas sim de um conceito sobre um sujeito múltiplo, atravessado por discursos presentes em cada marcação identitária.

Em outras palavras, podemos dizer que o sujeito discursivo diz respeito a um lugar que certos indivíduos ocupam, a depender de condições de produção dos enunciados¹⁷. Quando situado em determinada posição vazia, a voz desse sujeito revela uma zona social, “logo, expressa um conjunto de outras vozes [...] constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico” (FERNANDES, 2005, p. 100). Por isso, a compreensão do sujeito, em um viés discursivo, requer entender quais são as vozes sociais que se fazem presentes na voz de quem enuncia.

Os marcadores identitários, apesar de não definidores absolutos, dão pistas da constituição dessa posição-sujeito, já que estão intimamente relacionadas com as posições

¹⁷ Segundo Fernandes (2008, p.19) as condições de produção são os “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso”.

sociais e com as relações de poder que permeiam essas posições. Sendo assim, utilizamos o termo *identidade* para nos referirmos a “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2007, p. 111). Ou seja, entendemos que a *identidade* é resultado de uma posição assumida pelo sujeito, sendo este concebido não como o ser empírico que tem existência particular no mundo, mas como uma *ilusão de si*, fruto dos delineamentos provocados pelas relações de saber-poder.

Diante disso, o *Big Brother Brasil (BBB)* pode funcionar bem como exemplo de drama discursivo no qual os sujeitos enunciativos revelam-se profundamente atravessados por efeitos de identidade. A vigésima edição do *reality show* foi repleta de episódios polêmicos acerca dos jogos de poder e dominação.

Na *Arqueologia do Saber*, ao escrever sobre a definição do enunciado, Foucault (2008, p. 117) diz que ele é o átomo do discurso, não devendo ser confundido com a simples “utilização, por um sujeito falante, de um certo número de elementos e de regras linguísticas”. Isto significa que, em AD, o enunciado não é exatamente uma estrutura, mas sim uma função de existência. Nesse sentido, a vitória da Thelma no programa BBB constitui um enunciado, pois pode ser lida: **a**) a partir de um suporte material (foi veiculada em aparelhos tecnológicos em 27 de abril de 2020, diretamente da casa em que os participantes se encontravam confinados, localizada nos Estúdios Globo, Rio de Janeiro); **b**) considerando um referente (a mulher negra ganhou); **c**) contendo uma posição vazia ocupada (Tiago Leifert, na posição-sujeito apresentador); e **d**) com base em um domínio associado, como analisaremos a seguir.

Na narrativa desenvolvida na casa, o primeiro grande episódio que destacamos, que implica em relações de poder, aconteceu com a utilização do machismo como estratégia de jogo. Observamos esse fato no enunciado de uma fala de Hadson, um integrante de um grupo composto por jogadores situados numa posição-sujeito de homens, brancos, cis-heterossexuais e filiados a uma formação discursiva que pode ser denominada como o que na atualidade é conhecida por masculinidade tóxica¹⁸. O ex-

¹⁸ Conjunto de comportamentos por meio dos quais o homem torna-se nocivo a si mesmo ou às pessoas que estão ao seu redor. Resumidamente, é quando ocorre um processo de subjetivação, tornando o homem um sujeito com necessidade de recalcar determinadas emoções, supondo-se no direito de assediar, agir com violência e coagir terceiros a fim de reforçar sua masculinidade.

jogador de futebol traçou uma tática de batalha em que duas mulheres famosas (Bianca Andrade, a Boca Rosa, e Mari Gonzalez, a Baianinha) deveriam ser seduzidas para que tivessem suas imagens julgadas como imoral pelo público, de forma a causar suas eliminações do jogo. Nesse sentido, enunciou: *O Lucas, a gente está usando-o para distrair, para que as mulheres cedam, as que são casadas lá fora. A gente tá tentando fazer com que ela erre.*¹⁹

Entre as condições de possibilidade desse enunciado, temos a objetivação do sujeito mulher como “moralmente julgado” pelas suas (possíveis) práticas sexuais. Levando-se em conta a interseccionalidade, visualizamos um sujeito enunciado por outro sujeito, respectivamente, a mulher enunciada pelo homem, ocupando um lugar na ordem do discurso machista. Mais do que isso, o enunciado admite uma estratégia de desqualificação da mulher, pautada nos jogos de verdade, como observado nos domínios associados: “mulheres e ceder”, “mulheres e casadas”, “mulheres e erro”. Assim, a mulher é objetivada “a ter determinadas condutas”, frente ao discurso moralista.

Esse enunciado liga-se a outros que têm como objeto o sujeito mulher, o que nos permite vislumbrar que os discursos de um sujeito estão relacionados à sua filiação aos jogos de verdade, como explana Foucault (2016), ao pensar a constituição da subjetividade atrelada aos jogos de verdade do sujeito em relação ao que é dito e a como ele vê a si mesmo. Entretanto, vale destacar que isso não implica a total condução das condutas de um sujeito, nem tampouco a impossibilidade de heterogeneidade do que se diz sobre ele. Nessa mesma edição do programa, por exemplo, após tomarem conhecimento da estratégia dos homens em questão, as mulheres reagiram, o que mostra a resistência nas relações de poder, um enfrentamento ao discurso machista.

Muitos outros enunciados que permitem descrever a objetivação de diversos sujeitos foram ditos na temporada, tais como *a gente, querendo ou não, tem poder sobre as minas*²⁰ e *só cueca no quarto é pesado, tinha que ter uma mulher aqui para manter organizado*²¹.

¹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8274138/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

²⁰ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/bbb20-hadson-diz-que-homens-da-casa-tem-poder-sobre-as-mulheres/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

²¹ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/bbb20-hadson-diz-que-homens-da-casa-tem-poder-sobre-as-mulheres/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

No que tange ao sujeito preto, Thelma e Babu, dois participantes afrodescendentes, problematizam, diversas vezes, o que seria o racismo vivenciado por eles. Em uma ocasião, Babu e Thelma explanam sobre a palavra “negro” e “preto”: *‘Nigro’ quer dizer ‘inimigo’! Não tem nenhuma atribuição positiva a ‘negro’. O certo é ‘preto’, diz Babu*²². Dessa maneira, destaca-se a objetivação do sujeito “preto”, modo como esses participantes se autorreferem, constando que “as identidades” são plurais e dirigidas ao lugar ocupado pelo sujeito, outro exemplo que nos leva à questão da interseccionalidade.

Destarte, dá-se relevância aos termos referentes ao sujeito, cujo processo constante de construção está associado a uma memória discursiva; nesse caso específico, proveniente das práticas coloniais. Apesar de ser um discurso em construção polêmica, ora rechaçado ora aceito dentre ativistas do movimento negro brasileiro, justamente pelo seu caráter político no diálogo com o Estado e com a sociedade na busca de práticas antirracistas, a utilização de negro ou preto é, conforme demonstra Barros (2019), igualmente um problema colonial, em razão de ser adjetivação dada pelos colonizadores europeus, pois o autorreconhecimento ancestral identitário dos povos trazidos da África é étnico e não racial (nagôs, bantos, quimbundos, congos, quicongos, cabindas etc.).

A emergência da problematização terminológica nos enunciados de Thelma e Babu confirmam esse tensionamento em que os sujeitos “pretos” da casa constroem seus efeitos de identidade, o que nos remete àquele entendimento de Pêcheux (1997) sobre o sujeito identificar-se com a formação discursiva que o domina, ou seja, em que ele é constituído como sujeito.

Ainda acerca das identidades plurais, em um dado momento do *reality* repercutiu o debate sobre a bissexualidade. Especificamente esse assunto surgiu pela declaração de Marcela, uma participante que, quando interrogada diretamente em relação à sua sexualidade, declarou ser bissexual, mesmo que de forma contrariada. Ante o questionamento, ela retrucou: *por que você fez essa pergunta?* Posteriormente, expondo seu incômodo sobre essa revelação, Marcela enuncia: *não queria falar isso aqui*²³.

²² Disponível em: <https://exitoina.uol.com.br/noticias/tv-e-series/bbb20-babu-explica-origem-ofensiva-da-palavra-negro-e-defende-ser-chamado-de-preto.phtml>. Acesso em: 05 mar. 2024.

²³ Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/bbb2020-marcela-revela-ser-bissexual-nao-queria-falar-isso-aqui>. Acesso em: 05 mar. 2024.

A suposição sobre a bissexualidade de Marcela partiu da observação de suas condutas pelos demais jogadores ao longo do programa, sendo a participante objeto-alvo do discurso. Frente a isso, ela confessou a bissexualidade, mesmo que receosa pelos impactos que a sua confissão causaria. Isto nos permite refletir acerca da relação entre poder e verdade (FOUCAULT, 2016), uma vez que a bissexualidade ainda é algo ainda pejorativo em se tratando de sexualidade, ou seja, distante do que dita o dispositivo heterocisnormativo²⁴.

Para um efeito de fechamento

A identidade, como ferramenta analítica, tem sido requisitada por várias áreas do conhecimento: a antropologia, os estudos de gênero e sexualidade, os estudos culturais, entre outras, apresentam tratamentos singulares para o termo. Em AD de perspectiva foucaultiana, essa noção teórica é estudada atrelada à concepção de sujeito. Seguindo um entendimento não-essencialista, a perspectiva discursiva-interseccional visa demonstrar que a identidade é constituída por meio da sua relação com o discurso. Como *corpus* de análise, recortamos enunciados produzidos por participantes do *Big Brother Brasil 20*, edição obtentora de sucesso de audiência por uma narrativa que evidenciou como os marcadores identitários contribuem fortemente nos processos de subjetivação e, por consequência, influenciam nas possibilidades de posicionamento do sujeito no discurso. À vista disso, as identidades podem ser entendidas como efeitos de identidade, pois os sujeitos e as posições que eles eventualmente ocupam são efeitos das relações de poder.

Este trabalho é um passo inicial sobre possíveis análises acerca do sujeito em uma perspectiva discursiva-interseccional, a partir de uma leitura teórica-metodológica de Michel Foucault e de saberes decoloniais. Problematizamos a normatização de produção de conhecimento em nossas áreas, com vistas a provocar novas formas de entrelaçamento entre teoria e análise.

Nas análises aqui desenvolvidas, os sujeitos que enunciam e que são enunciados têm, neles, a marcação identitária de verdades estabelecidas estendidas às suas condutas,

²⁴ Segundo Camarano (2020, p. 97), o dispositivo heterocisnormativo pode ser compreendido como “um conjunto de mecanismos, sejam eles ditos ou não ditos, que engloba práticas culturais, sociais, históricas, jurídicas, instituições e discursos que, funcionando em função de uma estratégia de poder dominante, reforçam condutas heterossexuais e cisgêneras, considerando-as como normais, verdadeiras e saudáveis”.

comportamento e definição. O sujeito mulher é direcionado à moral da conduta de retração sexual, contrato de fidelidade e às funções domésticas. Já o sujeito preto reivindica o lugar de conhecedor de si mesmo, assumindo determinado discurso em resistência à objetivação. Além disso, observamos que os efeitos de verdade sobre a bissexualidade ainda afligem o sujeito em sua constituição, por ser algo fora da norma.

Feitas essas considerações, importa reiterar que, na proposta discursiva-interseccional, pretendemos dar continuidade ao projeto arquegenealógico foucaultiano de compreender as formas pelas quais o ser humano se torna sujeito. Assim, os diferentes discursos materializados nos enunciados analisados nos levam a refletir sobre como os marcadores identitários influenciam os processos de objetivação e de subjetivação e, conseqüentemente, a constituição de um efeito de identidade.

Para além da reflexão epistemológica, tentamos mostrar, a partir da análise de enunciados dos (ou sobre os) participantes do *Big Brother Brasil 20*, que um direcionamento da leitura do sujeito em viés discursivo-interseccional requer ir além da materialidade linguística e envolver as relações históricas de poder, o que significa levar em consideração que “o linguístico, o histórico e o ideológico coexistem” (FERNANDES, 2013, p. 109).

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARROS, Douglas Rodrigues. *Lugar de negro, lugar de branco? Esboço para uma crítica à metafísica racial*. São Paulo: Hedra, 2019.

BASTIDE, Roger. *Brasil terra de contrastes*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

CAMARANO, Pedro Anácio. *Arquegenealogia bajubeira: uma análise das práticas de poder e resistência*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Goiás. Catalão, 2020.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Tese. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feministcritique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. Chicago: Chicago Unbound, v.1, article 8, p. 139-168, 1989. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf>. Acesso em: 07 set. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens - interseccionalidade, políticas identitárias e violências contra mulheres de cor. Tradução: BENEVIDES, G.; GRANATO, P. In: *Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*. MARTINS, A. C. A.; VERAS, E. F. (Org.). Curitiba: Appris, 2020.

COUTrINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves [et al.]. *Sujeito, identidade e memória*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio; DRUMOND, Carine Caetano. *Pensar a Análise do Discurso "com" Michel Foucault: a arqueologia como possibilidade analítica*. Interfaces, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6237/4235. Acesso em: 05 set. 2024.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Arte, pensamento e criação de si em Foucault: breve ensaio*. Currículo sem Fronteiras, 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/fischer.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. Editora Perspectiva, São Paulo: 1972.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sujeitopoder.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, R.; FOUCAULT, M. *Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006, p. 67-100.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GREGOLIN, Maria Do Rosário de Fátima Valencise. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Língua(gem)*, 2008. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1058/906>. Acesso em: 05 mar. 2024.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 103 a 133.

LAGE, Allene Carvalho. Da subversão dos lugares convencionais de produção do conhecimento à epistemologia de fronteira: que metodologias podemos construir com os movimentos sociais? *E-Cadernos*, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1394#tocfrom1n4>. Acesso em: 05 mar. 2024.

PAIXÃO, Humberto Pires da. Poder, saber, sujeito no dispositivo da moda. In: FERNANDES JÚNIOR, A.; SOUSA, K. M. de. (Orgs.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PRINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica*. Carta Capital, 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/2016/02/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SILVA, Pedro Ivo. *Narrativas Afrobixas*. Curitiba: Appris, 2020.

VEYNE, Paul. *Foucault, seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.